

JOSÉ PEREIRA



Um jogador que progride

Stadium

N.º 182 — 29 de Maio de 1946 — Esc. 2\$00



FLECHA

A Bicicleta da Actualidade

A ILUMINANTE

STAND FLECHA

Largo do Intendente — LISBOA

Uma boa defesa de Machado, carregado por Teixeira



A bola foi para canto. Teixeira, entretanto, segue-a com os olhos



BENFICA no Posto de Sub-Campeão

Num ataque dos vimaranenses às redes do Benfica — a defesa dos encarnados emprega-se



Arsênio e Machado, numa posição engraçada. A bola é do guarda-redes



Uma arrojada defesa de Acácio. Gregório para o não magoar, salta na melhor altura



ATLETICO, 4 VITORIA Setúbal, 2

Uma excelente defesa de Correia, a remate de Rendas



Stadium

Um campeão que honra o futebol português

Apreciando o comportamento dos participantes no decurso de um torneio árduo e difícil

Crónica de TAVARES DA SILVA



LENFIM, acabou-se o Campeonato nacional de futebol de 1945-46, que, durante mais de cinco meses, interessou vivamente todos quantos se interessam pelo movimento do futebol. Acabou bem, com a vitória do Belenenses, — que teve um fim de festa surpreendente! Tendo começado hesitante, após um torneio lisboeta brilhantíssimo, e atravessado uma fase má intermediária, o clube de Belém lavou-se de todos os defeitos e faltas com um ponto final que constituiu um dos melhores sprints do futebol português.

Em certo momento coube-lhe defrontar o Benfica, que se apresentava plétórico de jogo e rico de energias. Vencendo-o em bolas e em jogo, o Belenenses como que recuperou novas energias. Assim, todos os adversários que, sucessivamente, terçaram armas com ele — foram vencidos. E essas lutas adquiriram rara beleza porque os adversários procuraram dificultar ao máximo a conquista do título. A última jornada sintetiza bem o que foram as pugnas verdadeiras. Basta dizer-se que o Belenenses só conseguiu arrancar o triunfo quase no fim — depois de um sofrimento atroz...

Para muitos, os escolhos que o Belenenses encontrou no seu caminho diminuem a grandeza do seu belo triunfo. Para nós, indiferentes a cores no nosso papel de críticos, isso avoluma uma das mais belas vitórias de todos os tempos. A verdade, nua e crua, é que o Belenenses nos surge na competição como o *team* mais apetrechado para o título de campeão — o que não significa que este não pudesse emoldurar o distinto do Benfica.

O Belenenses foi um grande grupo! Acusando uma linha de harmonia que constituiu o segredo do seu êxito. Com um trio defensivo seguríssimo (o número de bolas sofridas depõe a seu favor!), há em todos os seus sectores a interdependência que caracteriza os grandes onzes de clube. Da linha medular pode afirmar-se que é a mais equilibrada e homogênea, aquela em que as qualidades dos seus componentes tapam os seus defeitos. Quando passamos para a



Machado intercepta um remate de Mário Rui

linha da frente, ainda encontramos motivos de aplauso, embora muitos a julguem (talvez com razão!) o compartimento menos apto do conjunto. Mas um grupo é um todo, e deve ser observado neste ponto de vista.

Além de tudo, o Belenenses é o *team* que joga mais um conjunto e mais conscientemente pratica um plano de futebol estudado e analisado em minúcias. Os seus componentes são também executantes de mestria, que se integram no plano e lhe dão realização com facilidade de movimentos. Mais. O *team* de Belém consegue dar ao seu futebol um cunho de habilidade que não é mais do que a arte no jogo. Deste modo, em dia de acertos, o Belenenses parece-nos um *team* em que tudo está bem e no seu lugar, e em que todos os jogadores contribuem para a unidade do conjunto.

Chegando ao fim, o Belenenses marcava na tabela 38 pontos, isolado, com 18 vitórias, três empates e duas derrotas, 74 bolas a favor contra 24. Quem poderá contestar o mérito do seu triunfo?

Segue-se na escala de valores o Benfica, a um ponto solitário de diferença, com 17 vitórias, 3 empates, 2 derrotas e 82-29 em bolas. Eis aqui um grupo que também teve um belo comportamento, merecendo inteiramente o posto de honra que ocupa. Tendo começado com três empates, o *team* recompôs-se, ao ponto de sofrer uma derrota na sétima jornada, para em seguida coleccionar triunfos sobre triunfos. Nada menos de onze vitórias ofuscadas

com a derrota (tão amarga!) nas Salésias.

Afinal, e isto não deixa de ser doloroso para a gente benfiquense!, o *team* de Francisco Ferreira perdeu, numa bola contra, toda a vantagem alcançada. Mas de aí poderá concluir-se que o onze não tem valor?

Dê-se ao Demo quem pensar dessa maneira... O *team* do Benfica é um pouco diferente do Belenenses. Nem admira, porque tem personalidade. Não pratica um jogo tão estudado, vive mais da improvisação, mas os seus componentes dão mostras de singular vivacidade — atacando de surpresa o adversário com armas que se chamam desmarcação e rapidez. É indiscutível que ao seu trabalho se deve a grande animação da fase final do torneio.

Sporting, um dos três poderosos, é ainda aquele que, em 3.º na classificação, conseguiu passar a casa dos trinta pontos (33), com 73-36 em bolas, 15 vitórias 2 empates e 5 derrotas. O seu grupo descreveu uma curva sinuosa, de altos e baixos. Capaz de grandes feitos e também de desventuras. O grupo tem base e experiência, mas falta-lhe rapidez. Está fadado, e os reverses devem atribuir-se a esta simples razão; alguns dos seus componentes sabem como se faz, mas já não podem fazer. Por outro lado, o *team* continua a ver-se com vários problemas, que carecem de solução, e entre os quais se encontra o arranjo da linha medular.

Quer dizer: os três melhores de Lisboa apoderaram-se da grande talhada, o que nem sequer causará admiração, sabido como se encontram distribuídas as forças do futebol português. Olhavense é o melhor daqueles que tomaram parte na competição, não sendo de Lisboa. Conseguiu 27 pontos, com 13 vitórias, 1 empate e 8 derrotas, 65-39 em bolas. Fez

e representou um ótimo papel. Ao contrário de outros que reparam nas linhas defensivas, os algarvios apresentaram um ataque vivo e rápido, de bom toque e excelente desmarcação. Com lesões e várias dificuldades, o grupo não pôde manter o ritmo do começo, o ataque fragmentou-se um pouco, mas a defesa consolidou-se. Deu-nos esplêndidas exibições, a um tempo de ciência de futebol e artísticas na execução.

Cortado o império lisboeta com a colocação do Olhanense no quarto posto, um Atlético em quinto lugar. Os seus números, ainda que um pouco distanciados dos melhores, representam força e energia, o gosto e o sacrifício na luta: 21 pontos, 9 vitórias, 3 empates e 10 derrotas, 38-55 em bolas. O Atlético marcou boa posição, e talvez pudesse ter feito ainda melhor se o grupo não se tivesse desunido, a partir de certa altura. Acusa ligação, sabe do jogo, mas a execução não corresponde ao que seria lícito desejar e esperar. O ataque decaiu à medida que o campeonato decorria, e este mal justifica os outros males. Porque provoca doenças.

O Porto acha-se situado em 6.º lugar, com vinte pontos, 8 vitórias, 4 empates e 10 derrotas, 65-44 em bolas. Dos categorizados, foi o que mais desceu. É, caso curioso, passa-se qualquer coisa de estranho no campeão do Norte. Porque, verdade seja, não sendo um *team* famoso, trata-se de um grupo que pode ainda fazer coisas. Há um desequilíbrio evidente nas suas linhas, mas o mal reside principalmente no trio médio, sem a harmonia do qual nada se conseguirá — tão certo é que a defesa e o ataque dependem dessa célula, que justamente se considera fundamental. O *team*, no entanto, tem a atenuante de lesões e outras doenças — para o que deveria estar preparado, em vista da importância do clube.

Ao Porto segue-se o Vitória de Setúbal, com 18 pontos, 8 vitórias, 2 empates e 12 derrotas, 47-59 em bolas. Eis um grupo que também se comportou briosamente na competição. Teve um começo frouxo, para em seguida subir, e novamente descer — acusando cansaço. *Team* perigoso no seu lar dos Arcos, rápido e entusiástico no campo do adversário. Uma irregularidade que deixa antever deficiências de preparação, especialmente de ordem ginástica. Valores muito hábeis à mistura com outros manifestamente incapazes. Mas um *team* capaz de animar o torneio.

O outro Vitória, o de Guimarães, firmou-se na zona interme-

OS REGIONAIS DE PRINCIPIANTES PARA O BENFICA



Martins bloca uma bola rematada por Alexandre

dia, também com 18 pontos, 8 vitórias, 2 empates e 12 derrotas, 39-52. Eis um dos animadores do campeonato, posto que mais perigoso no seu campo do que fora dele. Portou-se sempre com entusiasmo; jogo à base da tática do conjunto. Animoso e enérgico. Jogadores ao mesmo nível, que se conhecem, conhecendo o jogo de cada um, o *team* está bem no maior dos torneios.

Pode dizer-se que o Sport Lisboa e Elvas constituiu uma surpresa. Logo na primeira vez que toma parte na prova, consegue situar-se em nono lugar e à frente de equipas categorizadas. Dezasete pontos, 8 vitórias, 1 empate e 13 derrotas, 43-78 em bolas, o *team* teve um começo fulgurante, cortado em determinada altura, como não podia deixar de ser... É difícil definir este *onze*, com uma ânsia de progresso que transparece na sua forma futebolística. Todos se dão à luta com dedicação sem limites, suprimindo pela força de vontade o que lhes falta em sabedoria. Alguns dos seus elementos, e principalmente um deles, o avançado-centro, conseguem ser valor destacado do nosso futebol. Bem aproveitadas as qualidades de todos os elementos e conjugados de maneira mais perfeita os seus esforços, os elvenses são susceptíveis de melhoria.

A Académica, já com tradição, ficou em décimo lugar, com 16 pontos, 7 vitórias, 2 empates, 3 derrotas, 51-76 em bolas. Trata-se, provavelmente, do *team* com mais atenuantes para a inferioridade do seu comportamento. Pelas suas especiais características, o grupo não pode manter ideia de continuidade de época para época. Com este clube passa-se um fenómeno diferente, em relação a todos os outros: enquanto que uns descem com o decorrer da competição, este cresce. Pratica também futebol de conjunto, posto que servido pela energia e boa-vontade colectivas.

Temos, por fim, os postos dramáticos: o do penúltimo, com o Boavista, 12 pontos, 6 vitórias e 16 derrotas, 39-73 em bolas, e o do último, 8 pontos, 3 vitórias e 2 empates e 17 derrotas, 22-73 em bolas.

O Boavista, apesar de tudo, portou-se bem. Fez algumas partidas

com excepcional brilho, e o grupo conseguiu bater o pé a alguns dos melhores. Já contra os mais fracos — deixou-se ir um pouco na onda... Não sabemos qual a sorte que lhe estará reservada, ao defrontar o Estoril Praia, campeão da Segunda Divisão, mas não podemos nem queremos deixar de afirmar que o Boavista afirmou-se como um conjunto de mérito e de futuro, dada a frescura da maior parte dos seus componentes, acusando a instabilidade que não é mais do que a lógica resultante da inexperiência.

Falta falar um pouco do Oliveirense, cuja potencialidade se viu diminuída pela obrigação do *team* jogar fora de sua casa alguns dos encontros que lhe competia fazer dentro dos seus muros. Seus progressos foram nítidos. O *team* acaba muito melhor do que começou. Mais unido, com um melhor sentido do jogo, numa palavra, mais apto. Ao princípio, jogava mais em força e menos em habilidade. Todavia, leais e nobres. Mas a pouco e pouco o seu futebol foi-se aprimorando em termos de não destoar do conjunto da Primeira Divisão. Provoca sincera mágoa ver um clube, com tamanha força de vontade, lançado para fora da Primeira Divisão. De resto, talvez o caso tenha remédio.

Na última jornada, com o número vinte e dois, verificaram-se os seguintes resultados:

Allético	4	—	Vitório (S.)...	2
Benfica	4	—	Vitória (G.)...	1
Porto	4	—	Oliveirense	1
Olhanense	5	—	Boavista	0
Elvas	1	—	Benelenses	2
Académica	5	—	Sporting	5

Era uma jornada sem interesse de maior. Só atenta ao que se passava em Elvas. Que tormento para o Benelenses, e que tragédia para o Benfica! Rei morto — Rei posto. Não vale a pena gastar mais tempo com um campeonato que já findou. Ao menos — todos estamos sossegados, mas não é por muito tempo. Só até ao próximo domingo, em que outras imagens se vão desdobrar, as da Taça de Portugal, cujas derrotas castigam ainda muito mais. De aqui para o futuro não haverá contemplações. Quem perde — morre.

O Benfica foi o indiscutível vencedor dos mais brilhantes campeonatos de principiantes até hoje disputados, embora a organização, a cargo da R. A. L., fosse deficientíssima.

De facto, é inadmissível que em Portugal ainda se façam organizações de tal natureza. O preço dos bilhetes era exageradíssimo. O atraso no começo das provas (mais de meia hora), programa mal elaborado, pessoas que nada têm que fazer dentro da pista, péssimas informações, falta de fiscais nas estações, provas realizadas já ao laseco-laseco, público sobre a pista de ciclismo, até ao adiamento dos 5x10 m., contribuíram para o desagrado.

Todavia, sob o aspecto técnico, as provas foram boas, exceptuando a vara.

Na final de 60 m. saíram eliminados, com falsas partidas, dois concorrentes dos favoritos, que não souberam dominar os nervos. Mas também parte do público o não sabe, quando viu a sua representante fazer a segunda «falsa partida».

Porém, o campeonato teve outras notas de agrado, que demonstram grande progresso, como os resultados do peso, em que oito homens ultrapassaram os 12 metros, tendo um deles chegado à excelente marca de 14,305 metros; cinco concorrentes passaram 1,65 m. em altura e um destes passou 1,70; três concorrentes

fizeram 2.000 metros em menos de 6 m. 11 s.; outros três fizeram menos de 3,2 s. em 250 metros; e ainda outros três conseguiram em 700 metros fazer menos de 1 m. 51 s.; os 11,9 de Durão e os 12 s. de André nas barreiras; no comprimento quatro ultrapassaram os 6 metros; no disco também se fizeram bons resultados, assim como nas eliminatórias de 5x60 metros; e, por fim, Matos Fernandes quase ultrapassou a altura de 1,85.

O Benfica conquistou seis títulos e 85 pontos.

O Sporting totalizou dois títulos e 60 pontos e o Benelenses quatro títulos e 51 pontos. A Caf do Barreiro, com alguns bons atletas, 11 pontos; o Cif, 9 pontos; o Atenea, 3 e o Ginásio do Sal, 2 pontos.

Indivualmente destacaram-se:

Sancho, André, Durão, Vieira da Fonseca, Xavier Martins, Outeiro, Soares, Aradjo, Barros Paulino e Conceição, no Benfica; Travassos, Henrique Silva, Cabegadas, Luis Rocha, Eduardo Silva, Azevedo, Pais, Castelo Lopes, Cardoso, Hernani e Guerreiro, no Sporting; Coelho, Fasto, Godinho, Branco, Oliveira, Mateus e Costa, no Benelenses; Vasques e os componentes dos 3x700 metros, na Caf.; Melo Breyner, Nanes e Caetano, no Cif.; e José Pinto, no Atenea.

João Jacinto

A 1.ª JORNADA DAS CORRIDAS DA PRIMAVERA

PELOS relatos da imprensa diária e jornais desportivos, foi o leitor informado dos resultados das Corridas de Cavalos da Primavera, que começaram a disputar-se no passado domingo no hipódromo do Jockey Club.

Não queremos, no entanto, deixar passar o acontecimento sem que lhe façamos breve comentário, pondo em realce aquilo que desportivamente mais nos agrada e que, de uma maneira geral, agrada ao numeroso público que compareceu a presenciar um espectáculo muito do seu agrado e que é sempre emocionante.

Antes de mais nada queremos pôr em relevo o magnífico comportamento de Henrique Calado, que, mais uma vez, evidenciou as suas magníficas qualidades de cavaleiro. O público, que se habituou a vê-lo triunfar nas provas de obstáculos, vê com prazer as vitórias que alcança na outra modalidade do desporto hipico — as corridas. Mais ainda. O público vaticina-as antes das provas se realizarem e só isso justifica que, tendo apresentado na 3.ª corrida um cavalo ultimamente adquirido e desconhecido do grande público, para ele se recolhesse a maior percentagem de apostas. E ninguém se enganou. Henrique Calado, em três pro-

vas disputadas, ganhou duas (a de 1.500^{ms} e a de 2.000^{ms}), creditando-se 2.º na outra (1.200^{ms}), com ligeira diferença do vencedor, Cruz Azevedo.

Magnifica a vitória de «Sartano» e «Ninotsck», na corrida de 1.800 metros, montados por Adelino e Norte, os dois conhecidos «jockeys» de Santos Jorge, como bom foi na mesma prova o comportamento de «Absténico», que, apesar dos seus competidores serem animais de mais sangue, os acompanhou até quase à meta lado a lado.

Curiosa a luta estabelecida na prova «Vila do Conde», para a posse do 2.º lugar, travada entre «Abrolo» e «Baçaco», o primeiro com Manuel Cerqueira e o segundo com Henrique Margarede, que o montou «de caras».

O «Batedor», com o qual Henrique Calado ganhou a prova «Belém», foi convincentemente superior aos demais inseridos. É um animal de grande categoria. Queremos e devemos fazer ainda referência ao número de inscrições (houve corridas com 12 concorrentes), à forma correcta como se apresentaram equipados os «gentlemen» e à boa organização das corridas a cargo da Sociedade Hípica Portuguesa.

A próxima jornada terá lugar no domingo. — A. T.

Os PROJECTOS da OLIVEIRENSE e a vida de JOÃO TAVARES

Uma revelação da Província...



HA um pormenor valioso, e amplamente justificado, neste campeonato nacional dos 12 clubes: a admirável colaboração, o entusiasmo e o interesse que deram ao nosso maior torneio de futebol os dois estreantes nesta prova: o Sport Lisboa e Elvas e a União Desportiva Oliveirense. Um e outro souberam da melhor maneira comportar-se. O Oliveirense foi mais infeliz em resultados. Mas a voz desportiva da província foi ouvida. Os resultados estão à vista: dois novos valores chamados aos treinos do Grupo Nacional. Já nos referimos a um: Patalino, e o acaso proporcionou-nos uma conversa com outro: João Tavares, o habilidoso interior direito do Oliveirense, que o seleccionador Tavares da Silva convocou.

Numa das esplanadas da Avenida reconhecemos tres elementos do desporto de Oliveira de Azeméis: João Tavares, João Carlos, actualmente o orientador técnico do Grupo Oliveirense e seu antigo jogador, e Guilherme Ferreira da Silva, dedicado amigo do clube.

O projecto da Desportiva Oliveirense em face do Campeonato Nacional

Acercamo-nos do grupo. E logo conversamos:

— Temos, então, um *internacional* em Oliveira de Azeméis?

Acolhem as as nossas palavras três sorrisos de satisfação e de triunfo. João Carlos logo traduz a ideia de todos:

— Pode acontecer que sim. E creia que o nosso rapaz tem condições para envergar a camisola das quinas. Esta convocação encheu-nos de alegria, por dois motivos: Porque veio confirmar aquilo que nós apreciávamos em João Tavares, e também porque é uma boa indicação de quanto podem valorizar o futebol nacional os clubes da província.

— Colheu o vosso clube bons resultados com esta vinda ao Nacional?

— Sem dúvida, os melhores. A região de Aveiro e a sua Associação de Futebol mereciam esta distinção. Esperamos continuar na prova e esse facto dará ao desporto nacional mais um clube de desporto animado de grandes e bons projectos: a Desportiva Oliveirense.

— Muitas realizações, e muitas iniciativas em projecto?

— Um bom programa com boas ideias já iniciadas.

A nossa vinda ao Campeonato Nacional deu-nos alma e a coragem para nos abalançarmos a grandes cometimentos. Ganhamos prestígio desportivo (conquistámo-lo por mérito) e vemos associativamente o progresso do nosso clube.

João Carlos recorda-nos:

— Adquirimos o nosso campo de jogos e nele começamos a fazer uma grande obra. Até agora estão ali gastos 300 contos e o projecto segue. E pertence-nos maior parte da responsabilidade pois que o auxilio recebido foi de 50 contos da Federação de Futebol e de 20 da Camara Municipal. Além disso a Oliveirense que, a quando do campeonato regional, contava com pouco mais de 100 sócios, regista hoje cerca de 600.

— Tênicamente...

— O que se aprende no contacto com equipas fortes. O grupo aprendeu muito. Se bem que sejam todos rapazes que mexem na bola, ganharam mais à-vontade e colheram ensinamentos que no decorrer da prova foram produzindo os seus efeitos.

— A classificação?

— Não condiz com o que merecíamos. Mas a nossa estrela, com jogos seguidos nos campos adversários, não nos deixou ganhar melhor pontuação. Depois as nossas «saídas» foram sempre prejudicadas pelo mau tempo. Para o fim do torneio já nos impuzemos. Saímos dos campos sempre de cabeça levantada, pela nossa actuação e pelo desportivismo que sem esforço rodeia a nossa actividade.

— As receitas no vosso campo?

— Duas para exemplo: 47 contos no jogo com o Porto, 35 com o Benfica.

— Em que base assenta o vosso sistema de jogo?

— Uma técnica estudada visando o sistema que melhor se adapta aos nossos jogadores — ideia constante no desenvolvimento de avançadas sem deserdicar um sentido defensivo atento.

— Na próxima época terão elementos novos?

— E' possível que se modifique um pouco o grupo. Temos elementos muito bons na reserva e talvez tenhamos o concurso de outros valores, mas isso sem sairmos da região, onde há jogadores com qualidades para bem representarem o distrito.

— Um clube bem apetrechado...

— Absolutamente. Oliveira de Azeméis tem ambiente e condições admiráveis para receber as melhores equipas nacionais. Na próxima época encontrarão em Oliveira de Azeméis um grande clube. Vamos intensificar toda a nossa actividade, melhorar as condições de vida dos nossos jogadores. As classes de ginástica vão ser ampliadas; também a assistência médica e permitir à rapaziada oliveirense que jogue à bola no nosso campo. Havemos de lhe emprestar bolas e tudo mas... só dará pontapés na bola todo aquele que frequentar a escola de instrução primária que vamos pôr a funcionar.

Como vê—diz-nos João Carlos visivelmente entusiasmado com estes projectos — pensamos no desporto e na missão social que deve rodear os clubes.



O team de honra da Associação Desportiva Oliveirense ao receber a taça de campeão de Aveiro



1— João Tavares, o jogador do Oliveirense. 2— Em plena avenida, João Tavares passeia despreocupadamente. 3— No dia do treino, João Tavares e João Carlos Gomes da Costa conversam sobre a bola



As bandeiras do Ginásio Clube, Lisboa Ginásio e espanhóis, em saudação



A classe de senhoras do professor Anibal Ramos, do Lisboa Ginásio, num esquema interessante



A gentil classe de senhorinhas espanholas, dirigidas por Schwarts, num sugestivo numero de ginástica rítmica

Sarau de Ginástica LUSO-ESPANHOL



A rítmica da Real Sociedade Ginástica de Madrid em exhibição



Um pino sobre paralelas, executado pelo atleta espanhol Buxó

A ginástica triunfou mais uma vez. O vasto Coliseu dos Recreios encheu-se na última sexta-feira de ponta a ponta, e ninguém por certo deu por mal empregado o seu tempo. Para apreclar tão valiosa sessão, promovida pelos prestigiosos Ginásio Clube Português e Lisboa Ginásio Clube, a que deram o seu concurso admiráveis equipas vindas de Madrid, sob as ordens competentes de Andrés Schwarts, — valeu a pena ir ao Coliseu.

Os espectadores puderam ver e aplaudir calorosamente os esquemas dos alunos de Schwarts, como os de Kurt Johanson e Anibal Ramos. O primeiro, decorridos 7 meses de trabalho apresentou uma excelente equipa de senhoras espanholas, gentis e artistas na educatiba e na rítmica. O simpático professor húngaro, que já demonstrou no Ginásio Clube Português, durante anos, as suas distintas qualidades de professor, deve ter trabalhado muito. Muito e inteligentemente. O publico português, que o conhece, distinguiu-o com aplausos justos. Além da classe de Schwarts — entusiasta mou muitíssimo a que apresentou Kurt Johanson na sua qualidade de professor do Lisboa Ginásio. A sua equipa de rapazes — que maravilha!

Além dos exercícos colectivos — viu-se a perfeição dos espanhóis dr. Carlos Gutierrez, António Buxó e Roman Sanchez, e de Raul Caldeira, Alfredo Felizardo, Carlos Vhória, João Macedo, Augusto Cabral, Carlos Gomes e o consagrado Robalo Gouveia em paralelas, barra fixa e mãos livres. Como agradou igualmente o Ginásio em mesa alemã, dirigida por Fernando Ferreira. Toda a sessão, afinal. Este espectáculo do Coliseu, a que presidiu o sr. general Amílcar Mota — não esquecerá. E agora — a Madrid...

RODRIGUES TELES



Uma gentil menina do Lisboa Ginásio, num salto de pino



O dr. Carlos Gutierrez, campeão absoluto de Espanha, num emocionante exercíco de argolas



A ginástica educativa da classe do Real Sociedad, de Madrid, revela-se neste aspecto parcial. A sua correcção é absoluta

CONTRA A IRLANDA

Os treinos da Selecção Portuguesa

Estágio na Venda do Pinheiro

Afinal — não se efectuou o anunciado treino da selecção portuguesa. Compareceram no Estádio Nacional os seguintes jogadores:

Belenenses: Capela, Feliciano, Vasco, Amaro, Serafim e Rafael.
Benfica: Cerqueira, Francisco Ferreira, Moreira, Mário Rui, Arsénio e Rogério.

Sporting: Azevedo e Albano.

Estoril: Moteus.

Porto: Berrigana e Guilhar.

Boavista: Calado.

Oliveirense: João Tavares.

Académica: Angelo.

Olhanense: Salvador.

Para a falta de alguns jogadores há razões suficientes — a velha lei das lesões, abrangidos por ela encontravam-se: João da Palma, Grazina, Araújo, Angelo, Albano e Espírito Santo. A doença afastou também Pelatino. Já quanto aos outros não se poderá afirmar o mesmo...

Tavares da Silva participou o facto à Comissão Administrativa da Federação, instruindo caso por caso. Ao mesmo tempo, marcou novo treino, para hoje, no Estádio Nacional, servindo de grupo treinador o Estoril Praia.

Foram convocados os seguintes dezoito elementos:

Belenenses: Capela, Feliciano, Amaro, Serafim, Quaresma e Rejeel.

Benfica: Cerqueira, Moreira, Francisco Ferreira, Mário Rui e Rogério.

Sporting: Azevedo, Cardoso e Peyroteo.

Porto — Araújo.

Estoril: Moteus.

Olhanense: Salvador.

Boavista: Calado.

Provavelmente, com o acréscimo de um outro avançado, que não figure nesta lista, é deste lote que sairá a linha que defrontará a Irlanda, não sendo difícil verificar que se mantém a estrutura defensiva do Grupo, e que se projectam algumas alterações na linha da frente. Isto em relação ao que se passou contra a França. Não falando já na lei das lesões e em doenças, há que ter em conta, na escolha que está a ser feita, a chamada lei da forma e outros factores bastante complexos.

Os seleccionados seguem para estágio, na Venda do Pinheiro, no próximo dia 3 de Junho, conservando-se ali, acompanhados do treinador Augusto Silva, até à hora da realização do encontro, Terço à assistência do massagista Manuel Marques, do professor de ginástica Luis Adão e do sr. dr. Mesquita de Guimarães, na sua qualidade de médico da equipa.

Durante o estágio serão feitos vários treinos, colectivos e individuais, procurando apurar-se a sua forma física e técnica, e ao mesmo tempo cultivar o espírito de camaradagem entre todos. No estágio haverá ainda a cooperação do sr. Nogueira, funcionário superior das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, considerada como indispensável para os fins em vista.

UMA IDEIA EM MARCHA

A Selecção Nacional em terras de África

ENTRE as notícias desportivas vindas de África, que chegaram ao nosso conhecimento, figura a que diz respeito à deslocação de uma Selecção Portuguesa à Madeira, Açores, Angola e Moçambique, — ideia sugerida pelo nosso camarada Tavares da Silva no «Mundo Desportivo», e logo recebida entusiasticamente nas terras bem portuguesas de África.

Parece que por lá se pensa a sério no assunto, interessando na sua execução o próprio Governo das colónias, sem o auxílio do qual, aliás, a viagem teria menos probabilidades.

Já que o futebol das nossas Colónias, e mesmo das Ilhas, pelos vistos, não pode tomar parte numa competição nacional, ou manter contacto estreito com os melhores grupos do Continente, vamos nós até lá dizer-lhe que não o esqueçamos, e que desejamos que esse futebol viva e prospere — acompanhando o ritmo geral.

Sabemos não ter ainda chegado qualquer pretenção à Federação Portuguesa, que, estamos certos, não deixará de estudar o caso, e de dar-lhe execução, se possível...

Há resposta para tudo...

P. 374 — Com esta linha não venceríamos a Espanha: Azevedo, Cardoso e Feliciano, Amaro, Garcia e Francisco Ferreira, Espírito Santo, Araújo, Peyroteo, Salvador e Rogério?
(De A. M. F., de S. Torcalo.)

R. 374 — Com essa linha também leríamos fé... Sobretudo por causa do médio-centro.

P. 375 — Peço-lhe para colocar, por ordem de valores, Da Rui, Azevedo, Balabio e Williams?

P. 376 — O mesmo, em relação a Peyroteo, Zarra, Piola, Riel e Lawton.
(De George Bradwork.)

R. 375 — Balabio, Azevedo, Williams e Da Rui.

R. 376 — Lawton, Piola, Riel, Peyroteo e Zarra. Trala-se de um critério pessoalíssimo. Respondemos um pouco através de dados fornecidos por outras pessoas...

P. 377 — Quais foram os jogadores portugueses que alinharam no célebre desafio Espanha-Portugal que perdemos por 9-0?
(De um curioso, de Coimbra.)

R. 377 — Alinhámos em Chamartin, a 11 de Março de 1934, a seguinte linha: Soares dos Reis; Avelino Martins e Jurado; Nova, Augusto Silva e Gaspar; Mourão, Valdemar, Acácio, Pinga e Domingos Lopes.

Depois, na segunda parte, entraram: Amaro para guarda-redes, Serrano para Jurado, e Alvaro Pereira para Augusto Silva, passando Jurado para o lugar de Nova.

P. 378 — Pode dizer-me se o Olhanense é filial do Benfica ou do Sporting? Não o sendo agora, já o foi?

R. 378 — Não é actualmente filial de nenhum clube, mas foi filial do Sporting.

P. 379 — Entre estes grupos: Benfica, Sporting, Olhanense e Belenenses, qual será o melhor?

P. 380 — Qual o avançado português que tem melhor desmarcação, finta e dribling?

P. 381 — Actualmente, qual é o grupo que tem melhor linha de médios?
(De um benfiquista de Vidago.)

R. 379 — O melhor é o que ganha, em princípio. Se o Belenenses venceu o campeonato, também deve ser o melhor.

R. 380 — Era preciso uma análise rigorosa e com os maiores cuidados. Assim, de um golpe, talvez Espírito Santo mereça a escolha...

R. 381 — A linha de médios clubista que está a jogar melhor é a do Belenenses.

1 Alguns criticos estranharam que o Seleccionador Nacional convocasse 31 jogadores para um treino. Para quê, tanto jogador?

Não vemos o mal que daí possa vir ao mundo, a não ser o aumento das despesas, aliás, perfeitamente comportáveis pela Federação. Porque não constituir um team treinador de rapazes que amanhã poderão ser chamados ao Grupo Nacional? — Trinta e um para ter vinte e dois, e nem isso se conseguirá algumas vezes...

2 Mas então o Seleccionador ainda anda em observações, nesta altura da época? A nosso ver, e nada temos com o caso, parece-nos que a missão exige uma observação permanente e cuidadosa, e mesmo assim a todo o momento, certamente, as dúvidas assaltam o espírito do Seleccionador a respeito de alguns elementos e do seu valor e possibilidades.

3 Um jogador tem ou não tem o direito de não jogar no Grupo Nacional, em representação do País? E' claro que a questão não se põe relativamente ao Clube, porque a este está o jogador ligado, indissolúvelmente, e todos sabemos como e porquê...

4 No começo da época havia abundância de extremos-direitos, e de repente tudo mudou. O Seleccionador fez a convocação de um novo, e talvez não fique por aí... Um exemplo claro de que se impõe uma observação atenta à trajectória da lei da forma e das lesões.

5 Em tempos falou-se em um Estatuto do Jogador Internacional. Condensar em uma lei, simples e clara, os direitos e os deveres do jogador internacional, parece-nos, na verdade, necessidade urgente. Por muitas e variadas razões!

CORRE QUE...

Estão bem encaminhadas as negociações para a efectivação do Portugal-Espanha ainda na presente época.

❖ Foi em definitivo designado para arbitrar o Portugal-Irlanda o árbitro suíço Warthburg, de Berna.

❖ Desta vez não haverá marcações de bilhetes para o Portugal-Irlanda, nem distribuição pelos clubes. Os bilhetes serão vendidos em bilheteiras espalhadas na cidade.

❖ Fala-se já, e ainda não acabou a época, no alargamento da Primeira Divisão para catorze clubes.

❖ O inquérito aos «casos de Guimarães» vai ter reflexo na chamada política da bola, em Lisboa.

❖ Alguns clubes estão a activar os seus trabalhos no sentido de conseguirem jogadores novos, aliás, vindos de outros clubes. Como? — Sabemos lá... Eles lá descobrem a maneira!

A VI VOLTA A ESPANHA EM BICICLETA

João Rebelo impõe-se na segunda fase da prova

(Do nosso enviado especial GIL MOREIRA)



JOÃO REBELO

VALÊNCIA, 15 — Está vencido mais um troço da VI Volta a Espanha em bicicleta, prova de princípios extremamente difíceis, mas que presentemente — escrevemos em Valência — está a tornar-se já uma competição própria para atletas e não uma pugna de homens pré-históricos, como foram as cinco primeiras tiradas.

Os corredores chegaram ontem a Valência, vindos de Mércia, tendo percorrido, depois de Se-

vilha, último dia de descanso, as tiradas Sevilha-Granada, Granada-Baza, Baza-Mércia e Mércia-Valência. Total: 766 quilómetros. Apesar do mau tempo que tiveram de suportar, até mesmo nas últimas etapas, pois para Granada choveu todo o dia e a caminho de Baza, na travessia da serra Nevada, o nevoeiro e chuva eram tais que os automóveis seguíam de faróis acesos, os primeiros classificados levam, desta feita, menos 2 h. 45 m. 43 s. de tempo gasto em relação a 1945. Se deduzirmos deste tempo 1 h. 15 m., margem suficiente para cobrir os 34 quilómetros que foram neutralizados na tirada de Granada, verifica-se que, desta vez, os estradistas levaram, mesmo assim, menos 1 h. 30 m. 43 s. para vencer a distância Madrid-Valência.

A actuação dos portugueses até Sevilha

Os ciclistas portugueses não contrariaram os prognósticos que havíamos feito acerca das suas maiores possibilidades atléticas nas etapas que se seguem a Cáceres. Depois de terminada em Badajoz, após prova feita nam à-vontade que nos surpreendeu agradavelmente, eles tiveram comportamento valioso na tirada Badajoz-Sevilha, chegando o de alguns a atingir mesmo certo brilhantismo.

O pequeno Manuel Rocha portou-se como «homem grande», trepando tal qual os melhores escaladores da Volta a difícil rampa de Ronquille — uma subida de oito quilómetros mais difícil que a de Vila Franca do Rosário. E depois de descer e em planos, aguentou de maneira admirável a luta que os Galindos moveram a holandeses e Pirellis para os arredarem em definitivo dos primeiros postos. Saltitando de roda em roda e suportando uma série interminável de estícos, o homem da laminante só largou os competidores da frente quando uma brutal queda o fez atrasar já com Sevilha à vista.

Rebelo, quase tão possante como nos seus bons dias, também fez parte do primeiro grupo

de escaladores da difícil subida e com eles terminaria a prova se não tem lurado.

Embora algo medrosos a descer — e os seus receios justificam-se pois o percurso estava muito escorregadio — Aristides Martins e Jorge Pereira, na citada subida — onde afinal a luta esteve mais cerrada, também mostraram que estão a melhorar. Chegando a Sevilha no terceiro grande pelotão, distanciaram nos últimos cem quilómetros muitos espanhóis com cartel firmado.

João Lourenço foi sem dúvida a vítima desta jornada. Uma roda a desenralar-se e os joelhos anquilozados com o frio tornaram-lhe a etapa muito difícil. Só a sua vontade de se impor evitou que abandonasse a prova — onde afinal se sente bem e onde conta ainda fazer coisas.

Partem os estradistas para o segundo troço desta Volta sem dúvida pior classificados que em 1945 — isto em relação a Rebelo — mas no conjunto mais animados e também menos distanciados dos primeiros. Isto serve-lhes de estímulo para tentarem fazer o melhor que possam.

Têm decorrido as operações como as havíamos previsto em Sevilha. Muitos corredores desceram na tabela da classificação; alguns que, nas primeiras etapas, pouco fizeram, estão agora a evidenciar-se, e outros há que aguardam com uma paciência evangélica a chegada das montanhas, para fazerem valer seus recursos de trepadores.

Delio Rodríguez e Berrendero, que chegaram a ter de assentar qual deles vestiria a camisola de «leader», estão agora respectivamente em sexto e quarto, já com certa diferença do primeiro, e digamos mesmo, em relação ao galego, que trepa deficientemente, tem muitas possibilidades para anular o atraso. É certo que entre os doze melhores classificados há seis homens «galindos» — equipa de Delio — ou por este protegidos. Mas achamos o corredor de Panteares sem grande poder.

Costa é estradista que deve manter-se em «leader» até S. Sebastian e, quem sabe, talvez mesmo até Madrid; os holandeses Lambrechts e Van Voord, agora terceiro e oitavo, dificilmente perderão a vantagem adquirida, a não ser por desastre, e Langarica, segundo, é homem para ganhar a Volta, assim isso convenha a sua equipa. Há ainda vários estradistas que, conquanto já não possam aspirar ao triunfo final, e neste caso estão Lando, Saneho, Guterrez, o elemento que mais progredia depois de Sevilha, e Emilio Rodríguez, que ainda pode proporcionar surpresas.

Estamos tranquilos por haver afirmado em Sevilha que os portugueses viriam a progredir. As provas dadas neste segundo troço da corrida justificam a nossa opinião. Continuando a correr em condições a que não estão habituados — tão ásperas que até os espanhóis delas se ressentiram — os nossos compatriotas igualaram-se aos melhores na etapa Sevilha-Granada; deram excelente réplica aos adversários a caminho de Baza e acabaram por se impor — ganhando a etapa — nas caminhadas Baza-Mércia e Mércia-Valência, onde a vitória deixou de nos pertencer por escassos centímetros.

Lutando contra equipas que fazem do ciclismo o seu emprego, dispondo-se por isso os corredores, para agradar aos patrões e aos chefes de fila, a sacrificar classificações ou a dar tudo por tudo para neutralizar uma fuga ou tornar eficaz uma perseguição, os portugueses têm contado apenas com os seus recursos e mesmo assim agindo

isoladamente, porque nem em todos os componentes do grupo lusitano o rendimento tem sido igual. Assim, Rebelo teve de se conformar com a fuga de Costa e Lambrechts a caminho de Granada, porque depois dum caça de três horas, feita sem ajudas, outro remédio não teve senão renunciar. Com outro elemento que com ele cooperasse, Rebelo não só evitaria que os fugitivos tomassem a vantagem de meia hora, como também se adiantaria a muitos adversários que não aguentavam o seu «passo».

Foi prodigiosa de habilidade e atenção a tática usada por Lourenço na etapa de Mércia, só para não ser «engarrafado» pelos «galindos» e «Pirellis» e para evitar que alguns desses elementos se esgaieirassem durante os dez quilómetros em que houve luta para a embalagem final. Que esforço despendido, saltando de roda em roda, «atendendo» oito perigosos adversários, para depois embalar aos 800 metros e aguentar o retorno de Delio, que vinha habilmente rebocado por dois colegas!

Jorge Pereira pôde depois, na tirada Mércia-Valência — difícil com seus 264 quilómetros de percurso, que nem sempre era bom — marcar sua personalidade de homem rápido e brioso, embora desta feita haja que assinalar o excelente espírito de cooperação de todos, na defesa do corredor da laminante. Falta-vam ainda 60 quilómetros para terminar a tirada quando a luta endureceu. Em locais onde se não encontrava Lourenço, isto para que este os não acompanhasse — os espanhóis sucediam-se nas tentativas de fuga. Rebelo três vezes teve de ir na pegada de adversários que procuravam adiantar-se. Numa das vezes Jorge Pereira escapava-se com Dhaos e Fombelida e então Rebelo, Lourenço e o próprio Aristides tiveram de marcar «passo» falso. Esta tática permitiu ao trio chegar à meta com vantagem, que foi suficiente para não serem inquietados por Miró e Langarica, fugidos já dentro da cidade.

Venceu a tirada o rápido Fombelida, mas a vantagem foi tão redazida que houve de recorrer a uma fotografia para determinar, com certeza, quem era o vencedor.

Rebelo chegou em oitavo, a 2 m. 32 s. de Pereira, e Lourenço, em décimo sétimo, a 5 m. Aristides terminou incorporado num pelotão de Berrendero, Martin e Ramler.

(Continua na pág. 10)

OS Srs. PRESIDENTES DA REPUBLICA E DO CONSELHO indauguraram em BRAGA o Estadio 28 DE MAIO

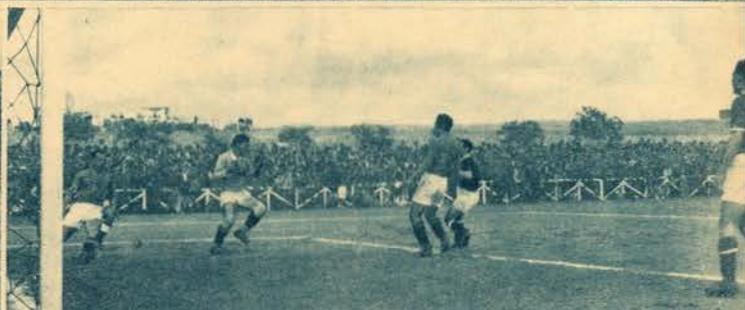


Em Braga, com a presença de Suas Excelências os srs. Presidente da República e do Conselho, foi indaugurado oficialmente o «Estádio 28 de Maio». Os desportistas bracarense promoveram uma patada e vitoriam entusiasticamente os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, bem como outros membros do Governo.

Nesta página pode ver-se o Chefe do Estado e o Presidente do Conselho, no acto indaugural, dois aspectos do desfile, no novo Estádio, a lápide comemorativa e as bandeiras das colectividades do distrito em respeitosa continência.

BELLENENSES ^{Campeão} de PORTUGAL

EM 1946 AO TÍTULO DE LISBOA JUNTOU O DE CAMPEÃO NACIONAL



O Belenenses ganhou o campeonato nacional. O jogo foi difícil — naturalmente. O S. L. Elvas fez tudo para não perder. Vê-se em cima, à direita, o grupo campeão, a que só falta José Pedro, que publicamos na capa, por ter sido um dos melhores homens no terreno. Ao lado, uma boa defesa de Semedo, apertado por José Pedro; a seguir, à esquerda e à direita, novas ofensivas belenenses, a que não falta nova defesa oportuna de Semedo.



Uma boa defesa de Barrigana



O DESAFIO DO PORTO

Boavida, um reserva do Porto, esperançoso, luta com a defesa oliveirense



COMENTÁRIOS...

Intercâmbio ginástico

NA multiplicidade de factos que assumiu já o intercâmbio desportivo com a nação vizinha e amiga, a troca de visitas entre delegações de ginástica tem uma importância superior e, pelo que conhecemos do desenvolvimento e progresso das práticas e métodos de educação física nos dois países, contribuirá eficazmente para aumentar o prestígio da organização nacional.

O público português manifesta muito maior interesse — o interesse da experiência e do conhecimento directo — pelos espectáculos tão belos das exhibições ginásticas; os clubes especializados promovem os seus saraus com a absoluta segurança de compensadora afluência do público.

Em Espanha não sucede assim; porque não esteja habituado a presenciar organizações do género, ou por diferença de preferências, ou por qualquer outro motivo, o público espanhol não acorre a presenciar os festivais ginásticos.

A Federação de Ginástica, a título de ensaio, decidiu que as sessões do último campeonato nacional, a que concorreram numerosas equipas representativas de todas as províncias, fos-

sem com entrada paga; pois, ao cabo dos primeiros dias, a receita total não ia além de poucas centenas de pesetas e os organizadores, para garantir a sala, foram obrigados a distribuir convites.

Os dois saraus em que vão participar em Madrid as e as ginastas dos nossos Ginásio Clube e Lisboa Ginásio, considerados, pelas entidades espanholas que os promovem, como agentes de propagação, vão ser, para maior atractivo sobre o público, de entrada livre por meio de convites profusamente distribuídos.

Esta decisão põe em foco a importância do apoio material que os organismos organizadores encontram na entidade superior do desporto e lhes permite liberalidades deste género.

Do êxito que alcançará a delegação portuguesa não é lícito duvidar; respondem por ele a consciência de um valor absoluto, tanta vez verificado, e a segurança do valor relativo, que todos os espectadores do sarau de sexta-feira puderam apreciar. Desde o merecimento técnico e metodológico das classes educativas, à perfeição executiva e categoria dos ginastas em provas individuais, não devemos recuar o confronto.

Éis uma fórmula de intercâmbio digna de incondicional aplauso, a repetir com regularidade e para a qual podemos afirmar, sem favor, que contribuímos com maiores benefícios do que os recebidos.

Exame retrospectivo

AS apreciações críticas ao trabalho do grupo seleccionado português, que venceu a França no Estádio do Jamor, foram, numa considerável percentagem, bastante severas, demonstrando por A e B que, ressaltadas escassas excepções, a equipa nacional tivera exibição inferior.

Os jogadores foram, até, mais severamente julgados neste encontro internacional, que ganharam, do que na generalidade daqueles que perderam: uns houve que não deram o rendimento esperado porque os companheiros se esqueceram da sua presença no campo, outros então foram culpados de não jogar por conta própria nem proporcionar aos camaradas com que jogassem por eles.

O factor adversário foi considerado de somenos importância na influência que poderia ter exercido sobre a marcha dos acontecimentos e o rendimento dos nossos representantes. Considerou-se, mesmo, que os franceses nada tinham progredido desde a última vez que, em Paris, se enfrentaram conosco.

Passaram algumas semanas e, agora, sucede que os mesmos onze jogadores gauleses que, no entender dos técnicos, mostraram, sobre a relva do Estádio Nacional, nada terem aprendido durante sete anos, defrontam e derrotam a equipa nacional de Inglaterra, formada pelos mestres

incontestados e incontestáveis.

Para mais incompleto parodoxo, referem-se os jornais ingleses, em termos lisonjeiros, de apreço e louvor, ao trabalho do grupo francês, cuja vitória consideraram de inteiro merecimento.

Então? De duas uma: ou os futebolistas da França alcançaram extraordinários progressos neste curto espaço de um mês, ou já tinham progredido quando vieram a Lisboa; e se preferirmos optar pela primeira hipótese, para dar razão aos censores da equipa nacional, ninguém nos pode impedir de concluir, em boa lógica, que os fulminantes progressos que levaram os franceses a superar os britânicos, são a consequência do que aprenderam com a lição que lhes demos!

Falemos a sério; este resultado que a França acaba de alcançar sobre a Inglaterra é, indiscutivelmente, o aval de um valor positivo.

O adversário dos jogadores portugueses, na sua última saída internacional, era forte e sabedor, e foi muito pelo êxito da sua acção, que a acção dos nossos se não desenvolveu livremente. Toda a gente sabe que uma equipa de futebol joga aquilo que a outra que está defronte lhe deixa jogar.

A vitória, em tais condições, é sempre uma proeza e sempre de louvar.

XADREZ

NOVO RUMO

COMPROVADA a impossibilidade de darmos saída a todos os numerosos originais do nosso Concurso de Composição, não obstante os melhores esforços que temos feito para acelerar o ritmo da publicação, vemos-nos coagidos a publicar, em diagrama, somente determinados problemas, por conveniência do exame a que está procedendo o juiz do torneio, o mestre internacional e Presidente da S. E. P. A., don Francisco Novejarque.

Tencionamos ainda publicar em notação Forsyth, e já com os nomes e nacionalidades dos autores, os originais ainda inéditos, logo que recebamos o veredicto.

Em consequência do surpreendente, quicá justificado agrado que mereceu a recente inserção do problema final do nosso concurso de soluções — T. & J. Warton, 1.º prémio B. C. F. 3 X. — resolvemos dar novo ramo à orientação desta secção, abordando, na medida do possível, dada a falta de espaço, matéria mais vasta ainda, de palpitante actualidade, tal como seja a pu-

blicação de 1.ºs prémios internacionais, a informação de concursos anunciados, etc. Neste número damos já início a este programa, inserindo o problema vencedor dum recente concurso temático holandês.

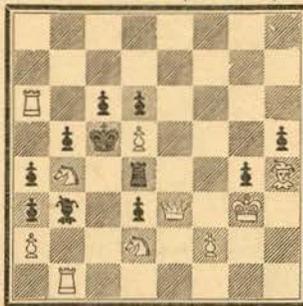
Concursos internacionais anunciados

Revista «Stadium» — Concurso reservado a principiantes e iniciados portugueses, espanhóis e brasileiros. Tema livre, mate directo em 2 lances, 3 prémios em bibliografia. Envios, com lema, nome e morada, a Vasco Casimiro dos Santos, Praça das Flores, 15, 1.º, Lisboa, Prazo para a entrega dos originais: 30-9-46.

Ajedrez Español — Duas secções: problemas directos, mate em 2 lances; juiz: F. Novejarque. Mate em 3 lances; juiz: A. F. Arguelles. 3 prémios em cada secção. Envios em diagrama, com solução, nome e morada do autor, a don Julio Péris, calle San Vicente, 51, 3.º izq., Valencia, Espanha, Prazo, extensivo a eventuais corrigendas: 1-11-46.

DR. FEENSTRA KUIPER

62.º TH. TOUR. (UITS LAG)

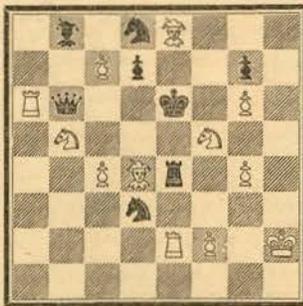


1.º PRÉMIO

2 X

LEMA: IGICA

Concurso Internacional Stadium



2 X

A VI VOLTA A ESPANHA

(Continuação da página 7)

A partida de Valência para Tortosa, Costa, primeiro classificado, esta creditado com 32 h. 40 m. 32 s. As diferenças de alguns corredores são: 2.º Langarica, 18 m. 7 s.; 3.º Lambrichis, 26 m. 18 s.; 4.º Berrendero, 28 m. 37 s.; 5.º Dello Rodríguez, 38 m. 34 s.; 6.º Sancho, 44 m. 46 s.; 26.º Jorge Pereira, 1 h. 47 m. 30 s.; 27.º Rebelo, 1 h. 48 m. 40 s.; 34.º Lourenço, 2 h. 27 m. 32 s.; 36.º Martins, 2 h. 49 m. 41 s.

Os nossos compatriotas eram em Sevilha respectivamente 36.º, 37.º, 42.º e 43.º, havendo apenas a registar 4 desistências. Portanto, a melhora é acentuada, que deverá continuar pelo menos até San Sebastian.

As últimas etapas

Os corredores estão nesta altura em Gijón e descansaram naquela cidade. A melhora de Rebelo tem sido notável, e chegou a 13.º lugar com todo o merecimento. O número de desistências é já elevado, mas o conjunto português procura chegar ao fim sem mais baixas.

Nesta altura, João Rebelo é também 3.º no «Prémio da Montanha», com Emilio Rodriguez e Langarica em 1.º e 2.º lugares e 30 e 28 pontos. João Rebelo tem 11, seguido de Fonte, com 7, e Berrendero, com 6.

**O combate
Woodcock-Mauriello**

EM Nova York, na presença de 13.749 espectadores, realizou-se no Madison Square Garden o anunciado combate entre Bruce Woodcock, campeão de Inglaterra de todas as categorias, e Tami Mauriello, considerado dos melhores «pesos pesados» da actualidade.

A luta animou-se logo de entrada e o inglês, conquanto menos experiente, exibiu uma combatividade enorme, batalhando de igual para igual com o seu adversário. Logo no início das hostilidades, Bruce disparou um golpe notável com o punho direito e Tami «navagou» pela lona à procura de equilíbrio. No terceiro assalto deteve um ataque violento e, por falta de experiência, deixou de obter decidida vantagem, suspendendo a acção.

No quarto round também se mostrou falho de oportunismo a aproveitar ocasiões propícias.

O resultado imprevisível do 5.º assalto, durante o qual Woodcock foi abatido e posto fora de combate, deve atribuir-se à dieta forçada a que se submeteu.

A Imprensa americana considera-o notável figura do pugilismo actual e no dia em que se alimentam convenientemente, a sua robustez há-de permitir-lhe ganhar aos melhores.

O reputado jornalista noviorquino Dan Parker declarou que esse Bruce tivesse ingerido bifés em vez de sumo de laranja, teria ganhos.

Max Baer, antigo jogador e campeão do Mundo, reconheceu igualmente a qualidade do inglês.

Está para breve um match entre Woodcock e Freddie Mills para o campeonato de Inglaterra de todas as categorias.

**O último combate
de Cerdan**

ROBERT CHARRON, vencedor de Tenet e que perdeu ante Diouf o campeonato dos médios, agora em poder de Cerdan, tentou readquirir o seu bem, sábado último, em Paris.

O resultado ainda se desconhece à hora em que escrevemos. Como o poder dos seus golpes é respeitável e joga com rapidez desconcertante, Charron deve ter sido para o marroquino um difícil adversário.

Conta apenas uma derrota como profissional; por pontos, aliás.

O seu vencedor, Diouf, foi abatido sete vezes, mas arrancou a vitória por um fio.

Charron é pupilo de Marcel Thil.

**Um campeão vitorioso
em Inglaterra**

JACKIE PATERSON, campeão da Europa dos pugilistas leves, derrotou na quinta-feira, por *Knockout* ao 5.º assalto, o campeão sul-africano da mesma classe, Jimmy Webster. O combate efectuou-se no Kelvin Hall, de Glasgow.

**a vida desportiva
POR ÊSSE MUNDO FORA**

—NOTA DA SEMANA—

A O norte dos subúrbios da grande metrópole inglesa que é Londres existe uma localidade diminuta chamada Wembley.

Há vinte e quatro anos, constituiu refúgio domingueiro para os cidadãos ciosos de ar puro e sossego campestre; hoje, possui um estádio gigantesco, que os animadores da Exposição Imperial Britânica elegeram no lugar onde se ergueu a Watkin's Eolley — a «Torre Eiffel» dos ingleses, jamais concluída.

Para levar a efeito tão monumental obra arquitectónica foi preciso remover 250 mil toneladas de terra, consumir 25 mil de cimento e empregar 1.500 de aço. Ao cabo de 300 dias estava de pé.

No dia 23 de abril de 1923, o Estádio de Wembley abriu pela primeira vez as portas ao público. Disputava-se a «final» da Taça de Inglaterra, entre o Bolton Wanderers e o West Ham United. Penetraram no recinto 126.047 espectadores pagantes e cerca de 25.000 inoadirram-no à força. Quarenta minutos gastou a polícia montada a restabelecer a ordem, indispensável ao começo da partida.

Wembley tornou-se local favorito dos grandes acontecimentos. Primeiro, albergou um acampamento de escoteiros — o jamboree internacional. Depois, exibiu-se o Grande Rodeo, com cavalos em liberdade e cowboys adestrados. Mais tarde, foi teatro do combate entre Tom Gibbons e Jack Bloomfield, um fiasco financeiro completo.

Em 1929, fizeram-se corridas de molos na pista de cinza e as «finais» da Taça de futebol não têm conto.

Natação, ténis, boxe, pingue-pongue, patinagem artística, hoquei e ciclismo transformaram Wembley na capital dos desportos.

Veio a guerra: tornou-se centro de recuperação dos evacuados de Dunquerque e asilo dos foragidos da França, Bélgica e Holanda.

Em 1941, Wembley voltou a ser desportiva. Os clubes Preston North End e Arsenal terminaram empalados no jogo final da Taça, porque o árbitro, receoso dos ataques aéreos, não quis dirigir o prolongamento regulamentar do importante match.

Após a vitória dos Exércitos Aliados, foi ainda em Wembley que se realizou o primeiro serviço religioso público, em honra das armas das Nações Unidas.

Wembley vai ter, em 1948, a consagração definitiva dos seus méritos, juntamente com o Civic Hall e o Palácio das Artes, edifícios que restam da antiga Exposição Imperial. A maioria das competições principais dos próximos Jogos Olímpicos terão lugar em Wembley.

A capacidade total de lugares sentados será aumentada para 80.000 e grandes melhoramentos se prevêem na piscina e no terreno das provas atléticas.

Com tão magnífica e incomparável biografia, devemos reconhecer que Wembley é local de eleição para celebrar esse famoso torneio atlético universal.

R. B.

◆ ◆ FUTEBOL ◆ ◆

**A final da «Coupe»
francesa**

REALIZOU-SE no domingo, em Colombes, o desafio final para a «Coupe de Football» francesa entre o Red Star e o Lille OSC.

As receitas do Charlton

O notável clube de futebol londrino Charlton Athletic, actualmente em Paris, onde jogou com o Racing da capital francesa, realizou esta temporada uma receita de mil cento e cinquenta contos.

Como se sabe, o clube foi fundado por dois irmãos, negociantes de lenhas, Alberto e Stanley Gliksten. Obcecados pela ideia de fazer do Charlton um clube de primeira grandeza, gastaram na sua obra cerca de sete mil contos. Em 1936, quatro anos após a fun-

dação, o Charlton obteve passagem à 1.ª Divisão e, neste último campeonato das Ligas, ficou em 3.º lugar e foi finalista da Taça.

**Finalistas
da Taça Generalíssima:
o Madrid e o Valência**

FIGURAM apurados finalistas da Taça Generalíssima, em Espanha, o Madrid e o Valência. Resultados da 2.ª mão das meias-finais: Sevilha 1-Valência 0; Madrid 3-Oviedo 1. A final constituirá uma das maiores manifestações do futebol espanhol dos últimos tempos.

OUTRAS NOTÍCIAS

ANUNCIA-SE que o famoso clube argentino River Plate fará uma viagem por Espanha em Janeiro de 1947.

Os «Boémios», de Praga, principiaram em França uma gira que durará um mês e se estende ao Norte de África.

◆ ◆ HIPISMO ◆ ◆

O Derby d'Epsom

MESMO conhecendo os nomes dos poldros mais cotados e o vencedor da prova preparatória denominada Derby Trial Stakes que se efectuou na sexta-feira, a situação presente não facilita os prognósticos.

Parecem-nos francamente superiores aos restantes: Eduardo Tudor, Fast and Fair Hoppy Knight, Sky High, Khaled e Radiotherapy, e sobre estes cavalos se fixa a atenção dos milhares de aficionados do hipismo na Inglaterra, no próximo dia 5 de Junho.

◆ ◆ TÊNIS ◆ ◆

A Taça «Davis»

A formação francesa que lutará contra os suíços, em Montreux, para disputar a 2.ª eliminatória da Taça Davis compõe-se de Pétra, Pellizza e Marcel Bernard.

Destreman, retido pelos seus afozeres, não se deslocará à Suíça. Este país seleccionou: Spitzer, Pfaff nas provas «singulares», e Huonder — Buser, nas provas «pares».

Para o encontro a realizar entre a China e a Bélgica, em Bruxelas, os orientais escolheram Kho-Sin-Kie, Choy e Kenneth Lo para defender as suas cores.

◆ ◆ CICLISMO ◆ ◆

A Volta à Bélgica

CONTINUA esta prova ciclista com Albert Ramon à cabeça, seguido de Engelo, Desmets, Hamelryckx, Van Verre, etc.

A última etapa foi ganha por Keteler, que percorreu a distância entre Mons e Charleroi, em 6 horas 32 minutos e 50 segundos.

◆ ◆ RUGBY ◆ ◆

**O jogo final
da Liga Inglesa**

NO sábado, em Manchester, na presença de 60.000 espectadores, os «quinze» de Wigan derrotaram os de Huddersfield por 13 pontos a 4, ganhando o campeonato da Liga Inglesa.

OS CAVALEIROS PORTUGUESES no Concurso de MADRID



Major Ivens Ferraz, seleccionador nacional

PARA Espanha partem no sábado os cavaleiros portugueses que, seleccionados pelo major Ivens Ferraz, ali vão disputar o Concurso Hípico Internacional de Madrid em representação do hipismo nacional.

Trata-se de quatro conceituados concurrentes de valor absolutamente comprovado em competições realizadas no estrangeiro e no nosso país, que saberão honrar condignamente as cores portuguesas no difícil certame madrilenho.

Ivens Ferraz que foi um dos nossos mais distintos representantes nos Concursos Hípicos de Madrid, Roma, Nice, Milão, Nápoles e Barcelona e nos Jogos Olímpicos de 1928, disputados em Amesterdão, é hoje o Delegado do Ministério da Guerra para os Concursos Officiais e seleccionador das equipas militares que se deslocam ao estrangeiro.

A equipa que formou este ano é composta pelos capitães Pimenta da Gama, Guedes de Campos, José Carvalhosa e tenente Joviano Ramos e se bem que dois deles — o primeiro e o último — sejam chamados pela primeira vez para a equipa Nacional esta segue para Espanha em plena forma e capaz de alcançar ali bons resultados.



Capitão Pimenta da Gama



Capitão Guedes de Campos



Tenente Joviano Ramos



Capitão José Carvalhosa

lona onde com o «Raso» obteve com brilho o 2.º lugar na prova «Disputacion». No Concurso de Lisboa ganhou a «Turf Clube» e fez parte da equipa que triunfou na «Taça de Ouro da Península», classificando-se com os dois percursos mais rápidos da prova.

Por determinação do seleccionador couberam-lhe este ano a égua «Gas» e o «Congo», dois animais de categoria.

Quanto ao capitão José Carvalhosa inutil se torna registar pormenores da sua carreira brilhante. Internacional desde 1940 o conhecido cavaleiro conta no seu «palmarés» um magnífico grupo de primeiros prémios, em luta com cavaleiros espanhóis salientando-se entre as suas melhores vitórias as que ajudou a alcançar na «Taça de Ouro» nos anos de 1940 (Madrid) e 1945 (Lisboa). No ano anterior por se encontrar nos Açores não pôde tomar parte na equipa que se deslocou ao estrangeiro.

José Carvalhosa apresentará em Espanha o «Zuari», um dos nossos «azes» de melhor fama, e o «Tete» outro irlandês que ele trabalhou desde o principio.

Finalmente o tenente Joviano Ramos, é dos novos um dos valores mais marcantes. Basta que se diga que na época anterior obteve 16 classificações e entre estas o 1.º lugar no Campeonato do Cavalo de Guerra montando o cavalo «Argelino». Na sua primeira saída integrado na equipa nacional o tenente Joviano Ramos montaria dois cavalos de grande categoria, o «Raso» e o «Vouga», no primeiro dos quais se depositam as melhores esperanças.

ANTAS TEIXEIRA

O capitão Pimenta da Gama é um oficial distintíssimo que possui inúmeros conhecimentos em revelar, apesar de não ter tido bons cavalos, flagrantes qualidades de concurrentista calmo, destemido e arrojado. Foram-lhe distribuídos o «Xerez», o conhecido e valoroso argen-

O XEREZ
Vai correr em ESPANHA



O «Xerez», cavalo brioso, vencedor dos saltos em Madrid em 1945. Agora irá de novo à capital de Espanha demonstrar quanto vale

CONTINUANDO a registar nestas colunas os «palmarés» dos nossos grandes cavalos de concurso, apresentamos hoje à curiosidade do leitor a lista de prémios do «XEREZ», um argentino de reputado valor que faz parte do grupo de montadas de reserva da equipa nacional.

Adquirido na remonta de 1939 o «XEREZ», nasceu em 1934 e apareceu em pista pela primeira vez em 1941, mas devido a ser um animal bastante difícil, apesar da sua grande categoria, só em 1944 conseguiu os primeiros prémios, por sinal obtidos em Madrid, montado pelo capitão Helder Martins — que com ele ganhou nesse mesmo ano a «Taça de Ouro da Península» disputada no Concurso de Lisboa.

Conduzido pelo capitão Campos Costa venceu a «Regularidade» do mesmo certame, saltando sem faltas 40 obstáculos classificando-se bem em Torres Novas, Mafra e Cascais.

Foi nesse ano o 6.º cavalo mais classificado e ganhou lugar brilhantemente no 4.º «handicap», mercê das suas 15 classificações.

No ano passado voltou a contribuir para a vitória na «Taça de Ouro», conduzido de novo por Helder Martins, e em Espanha venceu a prova «Gañadores» saltando dois metros, montado pelo capitão Reimdo Nogueira; e em luta com «Ranchero» um grande saltador do país vizinho.

Da capital espanhola e de Barcelona trouxe mais cinco classificações sendo quatro conseguidas por este cavaleiro e uma por Henrique Calado.

A marcha que conseguiu nos «Gañadores» de 1945, foi a maior alcançada na Península. Foi então distribuído ao tenente Rangel Almeida que o classificou em Cascais e no Concurso do Outono disputado em Lisboa.

Até ao fim da última época o «XEREZ», uma das grandes esperanças da equipa nacional deste ano, havia ganho 24 prémios, com quatro 1.º, um 2.º e dois 3.º, registando a sua folha 15.442850, de prémios pecuniários.

ANTAS TEIXEIRA

TOIROS A SEMANA MANOLETE

A semana tauromáquica vai ser de «Manolete» aqui e em Espanha e teve seu prólogo nos últimos dias da semana passada, quando dali saíram para Lisboa os mais valentes emprensários espanhóis, aqueles que vêm dispostos a pagar-lhe o que ele peça, com tal que tourei, como diz o sr. Balaña.

A corrida de Campo Pequeno

Sai o 1.º de João de Assunção Coimbra, negro e grande, emorrilhado e gordo, um touro. Derrota nas táboas e Gomes para-lhe os pés, que é uma maneira clássica de dizer, ainda que de patas se trate.

Simão alegra-o e crava a 2.ª farpa, aplaudidíssima. Deixando-se v. r. outra, também aplaudida. E a 3.ª, menos vistosa porque o touro tem arrancada curta. O cavalo Ervideira mostra suas qualidades e bom arranjo, e o cavaleiro suas faculdades, numa perseguição bem aprontada. E é com alegria que crava o 1.º curto, ovaclonado entrando bem para outro menos vistoso pela já referida condição do touro. Outra perseguição, voltando-se o cavaleiro a tempo, mas sem cravar porque o touro não mete a cabeça. Animando o touro, um curto enorme. Ovação entusiástica e prolongada até à saída do cavaleiro Gomes e Correia preparam para uma pega em que Matias é mal ajudado, aguentando-se apesar de mal embarcado. Chamada insistente ao cavaleiro que agradece no meio da arena e termina em volta com o forçado. Gregório vai levar a farpa a João Nuncio e ouve palmas dos gregorianos, e de gregos e troianos que o rapaz é simpático.

O 2.º também é negro e gordo, Procópio e Gonçalves dão-lhe os primeiros «capotazos», e o alentejano deixa-o nos médios para a 1.ª farpa, calma e sobria de «tanteos». O touro busca a presença natural e lá o val busear Procópio que o deixa outra vez nos «médios». Passadas inúteis e inglórias, mas aplaudidas pela vontade do cavaleiro em busca do manso.

O cavalo, um dos Velgas que vimos na anterior tarde, vai-se do touro, e este tem poucas ganas de ir por ele. Nuncio desiste, e ouve palmas de consolação. Saem os mansos, que o touro também o é, e tenta-se uma cernelha em que os forçados se mostram antes de tempo, e se agarram a destempo, com o rabejador atrasado, do que resulta ser o primeiro colhido contra as táboas, sem consequências. A verdade é que esta sorte; ou desgraça, é massadora quando o touro não se enroupa bem.

Assobios, e toca para dentro.

3.º, desembolado, de mais tamanho e peso do que é costume, Gorraez, décano dos mexicanos, usa de precauções, e com razão porque num intento de «Chicuelina» la sendo agarrado.

Silêncio quando Gregório abre a capa e os mesmos aplausos de antes quando aponta uma série de «chicuelinas», mal marcadas, mas ovacionadas. Gorraez insiste, e desiste. Carlos Moreira e o Mexicano Agustin Salgado bandarilham como podem. E Gorraez brinda, protocolário. Procópio põe o touro em sorte para Gorraez que recolhe por baixo, e se estira em três «derechazos» e em mais dois repete, e pouco mais faz. Simula a morte, e aqui paz, que não glória. O touro sai por suas patas, e volta a entrar e a sair voluntariamente que por sua vontade teria começado por não sair, nem do campo.

Outro idem idem para Gregório. Correia dobra bem, a uma mão, como dizem que fez no México em 24 corridas com bons matadores. Gregório «veronifica» à sua maneira, mas suavemente

repete e termina com «médias». Palmas. O «ídolo» esboça duas «mariposas» e vem o primeiro suato, junto à presença natural. Gorraez intervem sem pena nem glória. Gregório acede ao pedido dos seus admiradores e agarra nas bandarilhas, cravando um par no estilo «jac-torera», mas bonito. Palmas. Outro, idem, melhor, e mais aplaudido. Correia remata, depressa, como fazem os peões que não querem desluzir o matador. Gregório brinda ao empresário de Barcelona sr. Balaña e começa preparando por baixo, deixando passar bem numa série de «derechazos», depois por alto. Com calmas, mais passes com a direita, e com a esquerda. Um farol, um toque na haste, e simula a morte. Palmas e saudações.

Após o intervalo, Simão brinda ao sr. Balaña, seu empresário de muitas corridas. Começa por cravar tentando, alegre com uma farpa no meio da Praça, alegre ainda mais e crava outra já aplaudida, mas pede para mudar de cavalo.

Reaparece com o seu «Bombita», e após graciosa preparação, crava um curto monumental. Ovação. Continua com a sua característica alegria, e crava outro curto colossal. Outra ovação. Aguentando muito, outro curto arquicolossal. Ovação monumental e arquicolossal. O último curto curto excede tudo, e a ovação também, todo o público de pé, em alarido. E o cavaleiro da alegria sai uma vez mais triunfante do Campo Pequeno, obrigado a agradecer com o touro ainda na arena.

Repetem-se as ovações a Simão enquanto se prepara uma pega que resulta boa, para aumentar o entusiasmo do público, se é possível. Recrudescer a ovação ao sempre jovem Velga que vai buscar o forçado e com êle dá a volta, recolhendo flores que os charutos passaram de moda. E tem que agradecer no meio da arena em apoteose.

Volta a aparecer Nuncio e «Alés» é aplaudido numa série de «verónicas» de matador. Uma farpa neutralizada, como as saídas dos ciclistas da Volta à Espanha. Outra farpa que resulta desluzida, ainda que bem preparada. Outra farpa. Palmas. Um curto, e outro aplaudido, e o cavaleiro retira. Augusto Gomes «muletea» calmo e com tres «Manoletinas» serenas, passando a usar bem da esquerda, e da direita, por alto, terminando com carícias e simulando bem a morte. Palmas merecidas a Augusto Gomes a quem o sr. Balaña logo oferece a primeira novilha que se realize na sua Praça de Barcelona.

Chamada ao cavaleiro e a Augusto Gomes, agradecendo ambos nos «médios».

Outro desembolado, bem armado e despontado. Gorraez estira-se numa série de «verónicas» de boa classe, e remata com «médias». Não se ouvem as palmas merecidas, que logo soam para Gregório numa série de «Chicuelinas». Voltam a bandarilhar Moreira e Salgado, e voltam a fazê-lo como podem. Justiniano tem o acerto de não deixar pôr mais de dois pares, que o touro lá está apagado. Gorraez não consegue acendê-lo, mas deixa passar bem, por alto, depois por naturais, correndo bem a mão.



na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

O BOAVISTA, com a sua vitória sobre o F. C. do Porto, demonstrou que tem garras, no actual momento, pelo menos para ganhar ao campeão regional. Pena foi que não pudesse fazer a mesma partida e outros adversários que o belemram no seu próprio campo.

Teria evitado, pelo menos, um jogo que pode muito bem ser-lhe fatal, reduzindo em 50% a capacidade do futebol portuense...

♦ O F. C. DO PORTO, vencido sem apelo nem agravo, precisa indiscutivelmente de olhar pela sua equipa. Já vai longe o tempo em que «passar no Porto», contra o campeão, seria um caso muito sério. Hoje — Olhanense, Vitória de Setúbal, Boavista, — para não falarmos do Belenenses, Benfica e Sporting — passem pelo campo do Lima com uma facilidade arripiente...

♦ A SELECÇÃO de andebol do Porto foi louvada pelo seu comportamento desportivo, assim como os dirigentes que a acompanharam a Lisboa. Só pode lamentar-se que nem todas as peças da engenhagem que disciplina a modalidade funcionem regularmente. O desequilíbrio é sensível e não será por certo eliminado por tão justo louvor.

Não há bela sem senão...

♦ AO BRASIL pretende deslocar-se o F. C. P. no mês de Agosto. Claro — por enquanto tudo parece difícil. E mais ainda em virtude da equipa precisar de sérias modificações.

Viagens desta ordem são muito sérias, e não podem fazer-se de ânimo leve. Mas o clube campeão lá sabe as linhas com que se cose... Com certeza constituirá uma equipa forte e capaz de o representar convenientemente.

Aguardemos...

♦ AFIRMAMOS em devido tempo que a decisão do Conselho Técnico da A. H. do Porto não seria considerada na parte respeitante à anulação do jogo Porto-Vigorosa. Foi o que se viu. A Federação e o seu Conselho Técnico homologaram por unanimidade o primeiro encontro. Logo, a bizarra ideia de o repetir de sfogadilho ficou automaticamente balda.

E não foi preciso, segundo informes seguros, a comparência do Vice-Presidente da Federação, representante do Porto, que se demitiu antes do julgamento do processo. Todavia, foi posta a correr maldosamente a afirmação de que o citado ex-federativo batelaria ao lado do F. C. P.

Trespases...

TUDO isto é muito engraçado. Volta meia volta, ou para provocar a notícia sensacional ou para «fazer jeitos», indicam os nossos jornais, alguns jornais, pelo menos, que o jogador A vai para aqui e o jogador B para ali...

Depois disto — mete entrevista. E então, da maneira mais arrogada, começa a propaganda, os protestos de muito amor ao clube onde joga, de simpatia pelos companheiros, mas...

É por exemplo o que se passa agora com um jogador chamado Serafim, médio-centro no Boavista. O rapaz diz que «se sair do Boavista irá para o Sporting». Ficámos sabendo, por isso, que pretende abandonar o futebol portuense, já de si tão combatido, tão anémico, para reforçar as linhas lisboetas e leoninas.

O escoamento de jogadores do Porto para Lisboa faz-se já desde há muito tempo. Mas, «há muito tempo», eram procurados avidamente.

Havia emissários.

Hoje, mudou-se de sistema. Basta apenas procurar determinado crítico ou determinado jornal e a coisa fica resolvida. O trespasse anuncia-se, em grandes títulos, — e o resto virá imediatamente.

Desde que já não pode evitar-se esta insensibilidade clubista, a provar constantemente que a camisola é, para o jogador, coisa de somenos, lamenta-se que o «trespasse» tenha guarida em colunas de jornais considerados defensores de uma região que se desfalca maldosamente. Deixe-se ao alale, nesse caso, a iniciativa de procurar o «Jornal de Notícias», o «Comércio do Porto» ou o «Janeiro», anunciando em qualquer deles: «Jogador que pretende ir para o clube tal — aguarda oferecimentos...»

Seria mais fácil do que dar ideias tristes de clubismo e pretenções que assentam numa virtude muito discutível.

O hoquei em patins portuense

precisa de valorizar-se

O hoquei em patins é em Lisboa praticado com extraordinário entusiasmo. A selecção nacional, como por todos é sabido, tem representado briosamente o nosso país, e o público corresponde e comparece nas provas dedicadamente. Há nomes que são conhecidíssimos, como os irmãos Serpas, Jesus Correia, na actualidade; e outros do passado, como Adrião, Prazeres e Magalhães, também tiveram no Porto muitos admiradores.

Ha uns anos, por iniciativa valorosa do Infante de Sagres e Estrela e Vigorosa, viram os portuenses

crescer o ambiente de simpatia pela modalidade. Mais tarde — o Académico, com a construção do seu «rink», também colaborou o melhor que pôde.

Todavia, no actual momento, parece tudo adormecido. Em Lisboa, já se está em pleno campeonato. Precisa o Porto de entusiasmar-se com a modalidade, para demonstrar as suas possibilidades, que também são algumas, visto possuir jogadores de razoável classe — um deles Manuel Soares, já internacional contra a Suíça.

Julgamos que fará falta no hoquei em patins um ou outro clube dos grandes. O F. C. Porto apareceu a época finda, mas com equipa inferior, e não chegou por isso a chamar a atenção do público. Claro que, se for acarinado por quem de direito, não lhe será difícil triunfar e contribuir com segurança para a expansão do hoquei patinado.

Separata:

“Biografias desportivas”

UM ATLETA

portuense



Vitor Guilhar é um bom defesa. É um excelente desportista. Pertence, como se sabe, ao F. C. do Porto, onde começou a jogar, na equipa infantil, ao lado de rapazes que mais tarde se impuseram na principal colectividade nortenha.

Vitor Guilhar, que chegou a internacional por mérito próprio, teve de abandonar a certa altura o seu clube de origem. Andou, então, por Paredes e pelo Boavista.

Todavia... Vitor Augusto da Veiga Guilhar era bem do F. C. do Porto! Por isso regressou à casa, para alinhar no grupo de reserva, no posto de extremo esquerdo. Mais tarde, depois de vários jogos no «team» de honra, o extremo esquerdo passou a defesa. E não bem se desempenhou das suas funções, que foi justamente considerado um dos melhores homens do seu lugar. Internacionalizou-se. E a crítica, como o grande público, teve ocasião de o aplaudir entusiasticamente.

O conhecido defesa portuense, há pouco tempo, por desinteligência com a direcção do seu clube, — esteve afastado durante muitos jogos. Mas, tal como no princípio da carreira, Vitor Guilhar acabou por se conservar na sua agremiação...

Agora, foi de novo chamado a treinos, pelo seleccionador Tavares da Silva. Vitor Guilhar, fortemente magoado num jogo com o Olhanense, na primeira volta do nacional, esteve muito tempo sem jogar. No entanto, conhece os segredos da bola e todos o julgam capaz de servir o futebol nacional.

Seja como for, porém, não podemos deixar sem referência especial a dedicação constante do correcto defesa do F. C. do Porto. O jogo de futebol agrade-lhe, é muito da sua simpatia, e encara-o de um modo que o dignifica. Vitor Guilhar é um desportista, indiscutivelmente.

Seja ou não seleccionado, o que certamente não importa para o caso, o excelente jogador do F. C. do Porto nunca deixa de cumprir como homem de desporto.

Uma conversa

com João Tavares

(Continuação da página 4)

De estature que não dá nas vistas, modesto e um pouco ecanhado fora do campo, este rapaz de 20 anos veio de Oliveira de Azeméis e Lisboa para se juntar ao grupo dos jogadores convocados para um treino da selecção nacional. Uma caminhada alegre e cheia de optimismo. João Tavares veio tranquillo, senhor da responsabilidade que os seus méritos de jogador de bola ocasionaram.

— Como recebeu a noticia?
— Nem queria acreditar. Mas se o Seleccionador Nacional me quer ver mais de perto é porque eu o merecia... E cá estou, pronto para o exame. Eu que exerço sobre mim mesmo um estudo acerca da minha forma de jogar, aprendendo o que me indicam e corrigindo-me, sinto que sou capaz de emperceirar com os consagrados.

— Que impressão causou em Oliveira de Azeméis essa noticia?

— Não calcula o entusiasmo de toda a gente. Passaram os dias a fazer-me perguntas e nas ruas o rapazio não me largara...

— Esperava não cedo esta escola?

— Muitas vezes pensava. Eles dizem que eu dou na bola. E se um dia chegar a internacional?

— Aínel, Tavares da Silva, como que o ouviu, e respondeu-lhe.

E perguntamos-lhe:
— Ganhou mais experiencia neste campeonato?

— Aprendi-se muito. Ganhei mais confiança. Sinto-me outro. Antes ecanhava-me ao chutar às balizas. Agarrara-me mais à bola, parecia-me que os pés se vergavam no grande momento. No dia em que vi o Azevedo à minha frente, experimentei certa emoção, mas reconheci que eu já não era o mesmo que ia aos jogos com os grupos de Arrifano, de Romariz, de Bestelo, de Vale de Cambra. Estava ali o guardaredes da selecção nacional! Conseguí batê-lo duas vezes neste campeonato!

— Qual o jogador que lhe deu mais que fazer?

— Francisco Ferreira. É de todos o que me marcou melhor. É duro a valer, mas lealissimo. Gosto imenso de o ler por adversário.

Notamos o fraco aspecto físico de João Tavares. Diz-nos:

— Pareço fraco, mas sou forte.

João Tavares principiou a jogar a extremo-esquerdo, depois a interior do mesmo lado, e logo a médio-direito, para se fixar finalmente a interior-direito. Tem um lugar de preferência: médio-centro.

— Que espera de si próprio?

— Vivo toda a minha vida para o jogo da bola.

Acreditámo-lo. João Tavares costuma trazer consigo uma bola de ténis. Quando vai pela estrada, entretém-se com ela. Tem ainda uma especialidade: o jogo de cabeça. Já experimentaram contar os toques seguidos que dá numa bola: 280!

João Tavares tem no grupo oliveirense um outro irmão, o José Tavares, também jogador de categoria.

Eis a figura deste rapaz de 19 anos, um habilidoso que o grupo de Oliveira de Azeméis revelou para o mundo da bola.

Fernando Sá

Um êxito de Simão no Campo Pequeno

(Continuação da página 13)

para o touro, para os «médios», mas o de Coimbra vai-se à querença das tábuas, e Gorraez insiste em levá-lo para onde o da Azinhaga não quer ir. O resultado é demorar a faina, e aborrecer, e justificar um aviso de Justiniano. De «piton a piton» assustamos-nos, mas não convence. Simula, «ya otra cosa, Mariposa». Palmas.

Outro, e último, com bonita cabeça, encaracolada. Gomes dobra-o bem a uma mão, e Gregório «veroniqueia» bem, sério. Palmas.



GREGÓRIO

Mais «verónicas», e mais palmas. Gorraez intervém por «chicuelinas». E Gregório agarra nas bandarilhas, corre e brinca com o touro e crava bem. Palmas. Esquiva uma arrancada, volta a esquivar, quando já ia cravar outro par, e acaba por deixar meio. Volta a esquivar, em perigo iminente, roçado, e fecha com um par, saindo perseguido. Com a «muleta» começa por baixo, consente em vários por alto, «derechazos», depois com a esquerda. Palmas. Mais com a esquerda, meritórios. E a corrida acaba com duas colhidas sem consequências, de Correia e de Gregório, e com palmas.

Juízo crítico

O sr. João da Assunção Coimbra apresentou touros gordos, bonitos alguns, e alguns mansos, mas quase todos deixando-se tourear.

Simão da Veiga quis e soube lidá-los, obrigando os seus, superando-os, alegrando-os, e assim obteve mais um grande êxito no Campo Pequeno, melhor que o anterior, um dos maiores que lhe temos visto, a ele e a todos os cavaleiros.

Bem esteve no 1.º, mas no seu segundo todo a Praça o aplaudiu de pé, agitando lenços, e mesmo ainda com o touro na arena, teve o cavaleiro que desde ali agradecer, e tornar a fazê-lo em volta de excepcional triunfo. Na carreira artística de Simão, que não é tão menino como parece pelo juvenil entusiasmo, não se poderá jamais esquecer o dia 26 de Maio de 1946.

João Núncio voltou a marcar com pedra negra, como a cor da sua casaca, tão em contraste com a de Simão, de verde e ouro e assim os arreios do cavalo de cortesia. Mal montado num dos

dois Veigas da tarde anterior, que se vai dos touros, nada fez de extraordinário no seu 2.º, que era realmente manso, não soube reagir, não tentou superar-se, antes se inferiorizou, triste e falalista como um árabe triste.

Paco Gorraez regressa à Europa para se retirar, e já é tempo. Vê-se ainda que foi toureiro, e também que vai deixar de sê-lo. Respeitemos-lhe a retirada, e registemos até a ingratidão do público, o esquecimento das tardes que lhe deu há anos, a ausência de palmas nalguns momentos em que apontou ainda aquelas boas qualidades que teve este bom toureiro mexicano.

Gregório Garcia, como toureiro evidentemente de classe inferior à de Gorraez, volta mais calmo, mas ainda sem marcar os tempos no que faz com a capa, sem carregar a sorte com a «muleta», sem usar da verdade da arte de bandarilhar—aqueles pares de poder a poder do nosso Diamantino—preferindo aquelas voltas de «Jaca torera», a deixar-se ver, a entrar de frente. Por hoje não queremos desgostar mais o simpático toureiro, nem os seus partidários.

Teremos certamente mais ocasiões de escrever acerca dele nesta temporada, e queremos fazê-lo



GOMES

lealmente, sem agravar, mas também sem «tapar». Registe-se porém que Gregório vem mais calmo, melhor até, mais sério, menos teatral, e que fez algumas coisas boas.

«Ales» desenhou uma série de boas «verónicas» e uma «média»; Procópio «chicuelinas», além da boa brega; Gomes usou bem da «muleta» numa faena que brindou ao sr. Balaha e que lhe valerá uma novilhada em Barcelona; Correia bregou a uma mão, como fez no México, como se faz em Espanha, como fazem os bons toureiros. Justiniano Gouveia, em desacordo com os forcados, mas com a razão do seu lado.

El Terrible Pérez

CONCLUIU-SE o campeonato nacional de basquetebol, tendo-se efectuado os últimos jogos do torneio: Vasco da Gama-Belenenses e F. C. do Porto-Belenenses. O campeão nacional já estava indicado, desde que o Benfica passou em Coimbra.

O Belenenses, que deixou de ser campeão nacional, foi vencido no Porto por 41-28 (contra o Vasco da Gama) e 40-17 (contra o F. C. do Porto). Por via disto, o segundo portuense conseguia fixar-se em quarto lugar, com o Atlético o o Sport de Coimbra nos lugares imediatos.

Para o Benfica, justificadamente, o título nacional. Os encarnados puderam bater bem o Vasco da Gama, no encontro de Lisboa. Diga-se, entretanto, que os vascanos não desmereceram como equipa. Classificou-se com o mesmo número de pontos do campeão, e denunciou claramente o seu apuro técnico.

A formação belenense, terceira classificada, nem sempre foi feliz. A sua viagem a Espanha parece ter-lhe redado as possibilidades no fecho da competição.

Equipa em progresso — a do F. C. do Porto, constituída por elementos jovens. O mais velho, Veiga 1.º, tem servido como orientador valioso. Pires, Veiga 2.º, Garcia e Romero alinham no grupo dos mais novos jogadores portugueses da modalidade. Assim, pode esperar-se muito do seu entusiasmo e habilidade.

Os contimbricenses foram nitidamente os mais fracos da prova. De relevo, a sua vitória, em Coimbra, sobre o segundo do Porto. César Nogueira continua a ser a ser a sua melhor pedra.

Júniiores

O campeonato nacional de juniores interessa sempre os amadores do futebol. E' já uma prova dura, e emocionam os simpáticos jovens na sua ansia de se classificar bem.

Nesta primeira viagem, os primeiros e segundos classificados de Lisboa e Porto não perderam, assim como os campeões de Aveiro, Caldas da Rainha e Setúbal. O segundo de Coimbra, Associação Académica, também ganhou, ao contrário do Sport, — grupo titular.

Foram portanto eliminados: Académico de Viseu, Sporting da Covilhã, Lusitano de Évora, Sport Conimbricense, Olanhense, Portalegrense, Maximinense e Operário Vilafranquense.

O melhor resultado da jornada: 6-0 do Benfica ao Operário de Vila Franca de Xira, seguindo-se 4-0 do Espinho ao Sporting, 3-0 do Coimbra ao Académico de Viseu, 3-0 do Aldegalense ao Olanhense, 3-1 do Sporting ao Portalegrense e 4-2 do Caldas ao Lusitano de Évora e do Leixões ao S. C. Covilhã. O único resultado pela tangente: 2-1 da Académica ao Maximinense.

Domingo effectuam-se mais 4 jogos, para apurar os grupos que devem ir à meia final. Ha bons candidatos e a selecção começou...



O grupo Desportivo de H. Vautier & C.ª conquistou o campeonato de futebol da F. N. A. T. Em cima apresentamos o vencedor, e em baixo uma fase do jogo com o finalista: M. Carp.



Começou a disputar-se o Campeonato Nacional de Júnios, e em Lisboa jogaram as equipas do Caldas S. C. e do Juventude de Évora, com vitória para o primeiro. À esquerda — o vencedor; à direita, o vencido



A Mocidade Portuguesa não pára nas suas organizações desportivas. Há dias, no Liceu Camões, procedeu-se à distribuição de prémios das últimas provas



O campeonato militar de basquetebol concluiu-se com a vitória da equipa da Defesa Anti-Aeren, Base n.º 2, que se vê no segundo plano

ACONTECIMENTOS da semana



O Benfica organizou uma prova de tiro. Um aspecto da distribuição de prémios



Os últimos resultados do campeonato regional de principiantes, em atletismo, despertou extraordinário interesse



Disputou-se o campeonato nacional de sabre, vendo-se nesta fotografia o grupo de finalistas



No salto à vara do campeonato regional de atletismo, Pedro Vieira executa o salto que o tornou campeão

GIL OCULISTA
 FUNDADA EM 1868
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 2 2829 LISBOA

JOAQUIM MARQUES ADRIANO

do C. U. F. de Boreiro

Uma visita ao clube de futebol



2200

2200

A Luminante

A maior organização do Império

TRAFAL ELECTRICO

BIGOLETAS

Handwritten signature

JOAQUIM MARQUES ADRIANO

da C. U. F. do Barreiro

Num vistoso salto de plinto



A Iluminante

A maior organização do Império
em MATERIAL ELECTRICO
e

B I C I C L E T A S

LISBOA

PORTO

Av. Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 e 17

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B e 209

2\$00

Stadium

2\$00